

## **Deleuze e Guattari e o conceito de agenciamento: contribuições para a noção de estruturação, caotização e subjetivação poética<sup>1</sup>**

### ***Deleuze and Guattari and the Concept of Agency: Contributions to the Notions of Structuration, Chaotization, and Poetic Subjectivation***

DIEGO FRANK MARQUES CAVALCANTE<sup>2</sup>  
Doutor em Ciências da Comunicação (USP)

#### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é apresentar contribuições da filosofia da diferença para pensar as relações entre caos, estrutura e sujeito. Para isso, destacaremos o conceito de agenciamento na perspectiva de Deleuze e Guattari. No agenciamento, sujeito e estrutura perdem seu caráter central, genético, universal e causal e se tornam “peças” de um funcionamento coletivo, instável e emergente. O agenciamento é o cofuncionamento entre multiplicidades que acoplam máquinas, semióticas e subjetivações heterogêneas que são constantemente movimentadas pela ação do caos. Para a filosofia da diferença, interessam os processos singulares produzidos nos agenciamentos e não uma suposta estrutura comum universal. Nessa trama, sujeito, estrutura e caos são possíveis variáveis do agenciamento. Isso significa que variam entre produtos e produtores em consonância com o funcionamento do agenciamento. Neste sentido, para compreender a dinâmica de produto-produtor dos agentes, sugerimos três tipos extremos de agenciamento: estruturação, caotizante e de subjetivação poética. No primeiro, temos a predominância das estruturações que se diferenciam para conservar seu território. Na segunda, temos a dominância da ação caótica que desterritorializa as estruturações, bem como as subjetivações. Na terceira, temos o processo de subjetivação poética no qual, pelas condições de flexibilidade do agenciamento, produzem maquinações, expressões e existências singulares no agenciamento.

**Palavras-chave:** Esquizoanálise, Subjetividade, Singularidade, Micropolítica.

#### **ABSTRACT**

The aim of this article is to present contributions from the philosophy of difference to our understanding of the relationships between chaos, structure, and the subject. To this end, we will highlight the concept of agency from the perspective of Deleuze and Guattari. In agency, the subject and structure lose their central, genetic, universal, and causal character and become “pieces” of a collective, unstable, and emergent functioning. Agency is the co-functioning of multiplicities that couple heterogeneous machines, semiotics, and subjectivations, which are constantly set in motion by the action of chaos. For the philosophy of difference, what matters are the singular processes produced within agencies, rather than a supposed universal common structure. In this framework, subject, structure, and chaos are possible variables of agency. This means that they vary between products and producers in accordance with the functioning of the agency. In this sense, to understand the product-producer dynamics of agents, we suggest three

<sup>1</sup> Recebido em 12/04/2026. Aprovado em 21/05/2026.

<sup>2</sup> É professor adjunto na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Coordenador do grupo de pesquisa em esquizossemiótica e semiopsicologia micropolítica (CNPq). É professor na faculdade de comunicação (Facom), na faculdade de psicologia (FAPSI) e no programa de pós-graduação em letras (POSLET). Atualmente realiza estágio de pós-doutoramento em psicologia (UFPA).



extreme types of agency: structuring, chaoticizing, and poetic subjectivation. In the first, we find a predominance of structurations that differentiate themselves to preserve their territory. In the second, we find the dominance of chaotic action that deterritorializes both structurations and subjectivations. In the third, we find the process of poetic subjectivation in which, due to the flexible conditions of agency, singular machinations, expressions, and existences are produced within the agency.

**Keywords:** Schizoanalysis, Subjectivity, Singularity, Micropolitics.

## 1. INTRODUÇÃO: FILOSOFIA DA DIFERENÇA, PÓS-ESTRUTURALISMO E AGENCIAMENTO

O propósito deste artigo é apresentar o conceito de agenciamento, composto por Deleuze e Guattari, como uma solução “pós-estruturalista” da filosofia da diferença para as noções de estrutura universal e sujeitos autodeterminados, vindas do estruturalismo e do humanismo. Interessa-nos também apresentar modos de agenciamentos que possibilitem compreender como estrutura e sujeito são capturados e torcidos pela filosofia da diferença e transformados em “agidos e agentes” em um agenciamento. Apresentaremos três tipos de agenciamento: de estruturação, de caotização e de subjetivação poética.

O pós-estruturalismo emerge no contexto dos movimentos de contracultura da década de 1960. Do ponto de vista teórico, capta ressonâncias das críticas marxistas ao capitalismo, do conceito de inconsciente da psicanálise, das problematizações que Nietzsche e Heidegger fazem à autoconsciência, autodeterminação e liberdade do sujeito iluminista (PETERS, 2000; WILLIAMS, 2012).

Por outro lado, do ponto de vista epistemológico-metodológico, o pós-estruturalismo coloca em xeque o fetiche estruturalista das ciências humanas por metamodelos universais, dicotômicos e autossuficientes que atendem os critérios de cientificidade. Os estruturalistas encontram, sobretudo, nos modelos linguísticos de Saussure, Jakobson e Lévi-Strauss, as ferramentas para compor suas estruturas universais de conhecimento (PETERS, 2000).

Ora, o que estes estudos eclipsam em sua busca de estruturas universais são os processos singulares, limiaries, caóticos, em metamorfose, marginais que escapam por entre as frestas das dicotomias estruturalistas demasiadamente gerais. Neste sentido, no pós-estruturalismo, o foco está na diferença, na transformação, nas singularidades que emergem em contextos específicos: “A verdade de uma população está onde ela está mudando. A verdade de uma nação está em suas bordas. A verdade da mente está em seus casos limítrofes” (WILLIAMS, 2012, p. 15).

Não obstante, a filosofia da diferença de Deleuze e Guattari que pode ser simplificada a partir dos seguintes privilégios: da diferença como elemento de produção ontológica e não como mera degeneração de um modelo dominante; da ética dos encontros alegres e imanentes em detrimento da moral de valores transcendententes; das singularidades plurais em vez da universalidade; das bordas movediças em vez das centralidades estriadas; da produção positiva em vez da dialética do negativo; do movimento em rizoma no lugar de uma teleologia progressiva guiada por uma razão universal; dos movimentos aberrantes em vez de regularidades generalizantes; do agenciamento no lugar do sujeito autônomo ou da estrutura universal (DELEUZE, 2009; LAPUJADE, 2004; MACHADO, 2009; WILLIAMS, 2008).

Lapoujade (2015), por exemplo, discute e desenvolve a ontologia da diferença em Deleuze a partir da imagem do “Movimento Aberrante” como dinâmica produtiva da realidade e não como mero deslocamento de formas. Nessa trama, o movimento se insurge contra os movimentos causais e teleológicos, compondo as monstruosidades singulares. As normas são capturas dos devires que são, portanto, seus elementos genéticos. Trata-se, portanto, de privilegiar os movimentos de produção de singularidade.

No entanto, não se trata de abdicar totalmente das contribuições do estruturalismo ou do humanismo dito iluminista. Trata-se de capturar criticamente e relativizar conceitos como estrutura, sujeito, regularidade ou dicotomia (PETERS, 2000; WILLIAMS, 2012). Por outros termos, enfraquecer seu caráter determinista, autônomo, centralizador e universal e percebê-los como agentes em um processo bem mais complexo que traz consigo elementos de irreversibilidade, caos, singularidade e estados emergentes.

Agrada-nos, portanto, a ideia de que o conceito de agenciamento, em Deleuze e Guattari (2005), oferece uma alternativa para pensar as singularidades que emergem nas relações complexas entre estruturações, caotizações e subjetivações. Mais uma vez, interessa pensar os processos de diferenciações nos acontecimentos. Para isso, antes é preciso debater como Deleuze e Guattari pensam o conceito para depois analisar a construção do conceito de agenciamento. No próximo tópico, portanto, destacaremos o que é o conceito e como se inventa um conceito para a filosofia da diferença de Deleuze e Guattari.

## **2. A FILOSOFIA DA DIFERENÇA: O FILÓSOFO É UM INVENTOR DE CONCEITOS**

Segundo Willians (2008), a filosofia de Deleuze é, sobretudo, um construtivismo na medida em que privilegia a invenção de conceitos e não uma ação reflexão. O que está em jogo

é a produção de novas formas de pensar a partir de eventos e problemas específicos e não de substâncias imutáveis ou modelos eminentes. Essa valorização do experimento, da expressão, do acontecimento, já é perceptível nos livros de juventude de Deleuze, tais como: *Diferença e repetição*, *A lógica do sentido*, *Proust e os Signos* ou mesmo em Espinosa e o problema da Expressão.

Deleuze e Guattari (2010) atualizam a trama da filosofia da diferença nas relações entre filosofia, arte e ciência. Para os franceses, pensar é, antes de tudo, inventar. O filósofo inventa formas conceituais em um plano de imanência com personagens conceituais. O artista cria forças de sensações em um plano de composição com figuras estéticas. O cientista, por sua vez, forja funções em um plano de representação com observadores parciais. São três modos de criação caótica, ou seja, com o caos:

Numa palavra, o caos tem três filhas segundo o plano que o recorta: são Caóides, a arte, a ciência e a filosofia, como formas de pensamento ou criação. Chamam-se caóides as realidades produzidas em planos que recortam o caos (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 245).

Mas o que Deleuze e Guattari estão chamando de caos? Um dos intercessores importantes para pensar o caos em Deleuze e Guattari é Ilya Prigogine. Prigogine (1996) problematiza o modelo da física clássica que funcionava sob a lógica do determinismo, da causalidade, da regularidade, do equilíbrio e da reversibilidade. Para esta epistemologia específica, as variações imprevisíveis do fenômeno eram “falhas fenomenológicas”, ou seja, efeitos subjetivos da incapacidade provisória de conhecer as regras da natureza. Assim, ao melhorar nossos instrumentos e nossas razões, deveríamos descobrir a lógica necessária escondida e eliminar os “ruídos caóticos”.

Prigogine (1996; 2002; 2011) problematiza a perspectiva da falibilidade “fenomenológica” e insere o caos como elemento ontológico. Nessa trama, a realidade é, ao mesmo tempo, caótica, flutuante e ordenada. Nesta perspectiva, os processos de flutuação e bifurcação caótica passam a ter um papel na geração da realidade: “A instabilidade é a condição mesma da criação de formas novas” (PRIGOGINE; STENGERS, 1984, p. 143).

Nessa trama, o caos não significa mera aleatoriedade empírica ou confusão fenomenológica. O caos é a produção de diversidade, uma furação ou terremoto ontológico. Ele faz parte da própria formação das leis e da ordem: “A ordem não é imposta de fora; ela emerge das próprias flutuações do sistema.” (PRIGOGINE; STENGERS, 1984, p. 176).

Nessa trama, os processos temporais irreversíveis, as bifurcações, as estruturas dissipativas, as flutuações estão envoltas com processos caóticos que podem, em alguns casos,

estabilizar-se e fazer parte do sistema. “Os fenômenos irreversíveis não se reduzem a um aumento da desordem [...] [eles] têm um importantíssimo papel construtivo” (PRIGOGINE, 2002, p. 29)

A termodinâmica dos processos irreversíveis descobriu que os fluxos que atravessam certos sistemas físico-químicos e os afastam do equilíbrio podem nutrir fenômenos de auto-organização espontânea, rupturas de simetria, evoluções no sentido de uma complexidade e diversidade crescentes. No ponto onde se detêm as leis gerais da termodinâmica, pode-se revelar o papel construtivo da irreversibilidade; é o domínio onde as coisas nascem e morrem ou se transformam numa história singular tecida pelo acaso das flutuações e a necessidade das leis (PRIGOGINE; STENGERS, 1984, p. 176).

Deleuze e Guattari (2010), portanto, “roubam” e torcem a noção de “caos” para cofuncionar com noções como a de virtual e imanência, vindas, por exemplo, de Bergson, Espinosa (DELEUZE, 2002; 2004). O detalhamento destes acoplamentos mereceria um trabalho específico sobre o tema. Podemos, no entanto, apresentar a seguinte simplificação. O caos, para Deleuze e Guattari, pode ser entendido como uma força ontológica diversificadora, no entanto, ainda indiferenciada. Trata-se da produção de determinações desconexas. Nos termos do texto “O que é filosofia?”, pode-se dizer que o caos está em uma velocidade infinita:

O que caracteriza o caos, com efeito, é menos a ausência de determinações que a velocidade infinita com a qual elas se esboçam e se apagam: não é um movimento de uma à outra, mas, ao contrário, a impossibilidade de uma relação entre duas determinações, já que uma não aparece sem que a outra tenha já desaparecido, e que uma aparece como evanescente quando a outra desaparece como esboço. O caos não é um estado inerte ou estacionado, não é uma mistura ao acaso. O caos caotiza e desfaz no infinito toda a consistência (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 139).

Assim, quando se diz que a filosofia, a arte e a ciência criam com o caos, é porque, ao modo específico de cada saber, o caos é desacelerado, “capturado”. Trata-se de traçar um plano. Aqui, interessa-nos destacar como a filosofia cria com o caos. É nessa trama que se desenvolve o construtivismo filosófico de Deleuze e Guattari (2010, p. 101). Os franceses apresentam três movimentos principais para a invenção caosmótica do conceito: traçar um plano de imanência, inventar personagens conceituais e criar conceitos. Antes, no entanto, é preciso esclarecer o que Deleuze e Guattari estão chamando de conceito, a saber.

Segundo Deleuze e Guattari (2011), o conceito é uma produção específica do território filosófico. O que o filósofo inventa é um bloco que expressa um acontecimento. A noção de acontecimento, portanto, é fundamental para a ontologia proposta por Deleuze e Guattari.

O acontecimento é um fluxo de repetição constante da diferença. A dinamização da virtualidade envolvida nos processos de diferenciação, de bifurcações das séries, dos

impossíveis que são irreduzíveis aos estados de coisas e aos modelos de reconhecimento. O filósofo busca expressar esses movimentos aberrantes, ou seja, os incorporais que se atualizam e dinamizam virtualidades, os impossíveis, as relações de forças que lhe são imanentes. O conceito, portanto, é uma expressão filosófica em ressonância com as variações ontológicas do acontecimento:

Destacar sempre um acontecimento das coisas e dos seres é a tarefa da filosofia quando cria conceitos, entidades. Erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimento (DELEUZE; GUATTARI, 2010, 42).

Nesse sentido, um problema filosófico emerge quando o acontecimento pulsa, ou seja, atualiza-se e produz novos campos expressivos, de possibilidades e virtualidades. É nessa trama que surge a necessidade filosófica de pensar, de inventar conceitos. Para Deleuze (2003), desde seus primeiros textos como Proust e os signos, o pensamento nada tem a ver com bom senso, amizade ou método. Ele é da ordem da necessidade. É preciso um acontecimento que lhe assalte com suas brumas impensáveis: “[...] Sem algo que force a pensar, sem algo que violento o pensamento, este nada significa” (DELEUZE, 2003, p. 89).

Ora, é na medida em que o conceito é tensionado por ressonâncias impensáveis que é preciso traçar um outro plano, assim, “[...] quando um filósofo critica um outro, é a partir de problemas e de um plano que não era o dele” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 37). É, portanto, a partir do acontecimento que se delinea um plano de imanência como movimento da invenção filosófica.

Ao assaltar o campo filosófico, o acontecimento o desterritorializa. Nessa trama, as brumas de virtualidade se dinamizam, possibilitando novas simpatias e antipatias, atrações e repulsões e compossibilidades. O plano de imanência cria as condições para a emergência de novos cofuncionamentos. Traçar um plano significa desacelerar o caos em sua diferenciação incessante e possibilitar a renovação do campo virtual a partir de relações entre determinações até então desconexas: “O plano de imanência é o que recorta o caos, conferindo-lhe uma consistência.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 43).

É a partir do plano de imanência que se inventam os personagens conceituais, o segundo movimento da criação de conceitos. Os personagens conceituais são as capturas operadas pelo filósofo do seu plano de imanência. São também as torções operadas para que as determinações capturadas possam servir ao cofuncionamento do conceito. Trata-se da fabricação de aliados. Ou seja, não se trata meramente de “copiar”, replicar, mas torcer para servir aos propósitos do problema filosófico. São os intercessores do pensamento filosófico:

[...] o personagem conceitual e o plano de imanência estão em pressuposição recíproca [...] Por um lado, ele mergulha no caos, tira daí determinações das quais vai fazer os traços diagramáticos de um plano de imanência [...] Por outro lado [...] faz corresponder traços intensivos de um conceito que vem ocupar uma região [...] como se esta se fendesse. (DELEUZE, 1992, p. 99).

O terceiro movimento, propriamente filosófico, é a criação do conceito. Trata-se da atualização/diferença do plano de imanência em formas filosóficas capazes de tornar pensáveis as ressonâncias até então impensáveis do acontecimento. A “pensabilidade” de um conceito é possibilitada por sua consistência que, por sua vez, deriva do funcionamento inseparável entre as determinações atualizadas no conceito.

Escrito de outra maneira, os termos capturados e torcidos dentro de um conceito devem ser heterogêneos e, ao mesmo tempo, com zonas de indiscernibilidade que os tornam inseparáveis, um funcionamento coletivo. Um conceito, portanto, não descobre, explica ou reflete, mas antes cria um “campo de pensabilidade”. O conceito é relativo em relação aos movimentos que possibilita e absoluto em relação ao espaço autorreferencial que condensa e torna inseparável (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 34).

[...] as relações no conceito não são nem de compreensão, nem distensão, mas somente de ordenação [...] o conceito de pássaro não está em seu gênero ou em sua espécie, mas na composição de suas posturas, de seus cantos [...] Um conceito é uma heterogênese, uma ordenação de seus componentes por zonas de vizinhança (DELEUZE, 1992, p. 28).

Em suma, o conceito é um “campo de pensabilidade” animado pelas ressonâncias de um acontecimento. O conceito precisa ser atualizado na medida em que proliferam devires no acontecimento que tornam os conceitos obsoletos para as problemáticas emergentes. É a violência que força o filósofo a pensar. É por necessidade que se cria um conceito.

Nesse sentido, o que é o conceito de agenciamento para Deleuze e Guattari? Quais são os problemas filosóficos que fizeram os autores traçarem seu plano? Quais são seus personagens conceituais? Como os termos são retorcidos e colados, gerando um campo ao mesmo tempo intrínseco, heterogêneo, indiscernível, indecomponível e em funcionamento? No próximo tópico, entraremos em algumas destas questões.

### **3. AGENCIAMENTO E MULTIPLICIDADE: ESTRUTURAÇÃO, CAOTIZAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO POÉTICA**

“a unidade real mínima não é a palavra, nem a ideia ou o conceito, nem o significante, mas o agenciamento”, Deleuze e Parnet (Diálogos).

Agrada-nos a ideia de que o agenciamento, em Deleuze e Guattari, pode ser pensado como um processo que perpassa os diferentes planos e saberes: filosofia, arte e ciência. Nessa trama, o agenciamento seria, antes de tudo, ontológico e estaria envolvido com o próprio acontecimento. É nesse sentido que deve ser entendido como “unidade mínima do real”.

No entanto, podemos pensar também o agenciamento como conceito nos termos que apresentamos no primeiro tópico, ou seja, como afetado por um acontecimento e produzindo um campo de “pensabilidade” a partir da inseparabilidade de suas relações internas.

Seguindo o procedimento de invenção de conceito apresentado por Deleuze e Guattari, vamos partir do problema filosófico, passar pelo processo de invenção de personagens conceituais e, por fim, pelo funcionamento do conceito.

Não convém aqui, no espaço de um artigo, detalhar e destacar as diversas alianças, suas variações, redundâncias entre autores, conceitos e suas torções. Para isso, seria necessário um trabalho específico e de extensão bem maior. Interessa-nos somente apresentar de modo didático um dos possíveis caminhos para montar o conceito de agenciamento.

No escopo do contexto pós-estruturalista e de uma filosofia da diferença, como destacamos, noções como essência, causalidade, necessidade e universalismo se tornam questionáveis. Essas noções eclipsam aspectos importantes como imprevisibilidade, irreversibilidade, emergência e singularidade que são caros a uma filosofia da diferença. Nesse sentido, conceitos como o de estrutura e sujeito se tornam obsoletos na medida em que privilegiam uma perspectiva causal-determinista, universal e essencialista dos fenômenos.

O estruturalismo ceifa a singularidade a partir de relações entre termos fundadas em uma suposta estrutura universal (GUATTARI, 1988; WILLIAMS, 2012). Por outro lado, o sujeito do iluminismo, também universal, é colocado como condição transcendental do conhecimento ou responsável por guiar o caminho da humanidade em direção ao absoluto universal. É nesse sentido que Deleuze e Guattari problematizam os referidos conceitos: “Acabamos com todos esses conceitos globalizantes” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 117–118).

Não obstante, a crítica verga também sobre a noção de inconsciente como estrutura universal baseada no Édipo. Para a psicanálise estruturalista, o inconsciente é uma estrutura representacional que entope as singularidades em favor dos movimentos do significante nas triangulações edípicas:

[...] uma pragmática de rizomas renunciará a toda a ideia de estrutura profunda: o inconsciente maquínico, diversamente do inconsciente psicanalítico, não é um

inconsciente representativo, cristalizado em complexos codificados e repartidos sobre um eixo genético: é o construir, como um mapa (GUATTARI, 1988, p. 18).

Agrada-nos a ideia de que agenciamento, no escopo da filosofia da diferença e do pós-estruturalismo, pode substituir a noção de estrutura, sujeito e inconsciente em suas aspirações universalizantes.

No entanto, os referidos conceitos não são simplesmente abandonados, mas fazem parte de um agenciamento mais complexo, ou seja, perdem sua função de causa, determinação, fundação, universalidade para se tornar parte de um coletivo que traz consigo processos imprevisíveis, irreversíveis, emergentes e singulares. O que interessa, portanto, nestes conceitos são suas variações no funcionamento do agenciamento e não como modelos universais.

Ora, se não é a estrutura, o sujeito ou o inconsciente, então, qual seria a condição genética do agenciamento? Aqui é importante sair da noção de “fundamento” que traz consigo uma perspectiva transcendente, representacional e universal para uma noção de condição genética pensada como produtiva, diferencial, provisória, imanente e ontológica. Nesse sentido, agrada-nos a ideia de que a condição genética do agenciamento parece ser a multiplicidade. Isso porque a multiplicidade privilegia a imanência de um “e”, ou seja, a continuidade do acoplamento, funcionamento entre elementos heterogêneos. Nesse sentido, o agenciamento possibilita captar as ressonâncias dos processos de diferenciação produzidos pelos “e” nos fluxos dos acontecimentos.

Trata-se de privilegiar o que se passa “entre” os termos em agenciamento. Não se trata do “todo” nem das “partes”, mas da diversificação *entre* as variáveis acopladas. Encontros heterogêneos variáveis como produção do real. “O que há de interessante em conceitos como desejo, ou máquina, ou agenciamento, é que eles só valem por suas variáveis, e, pelo máximo de variáveis que eles permitem” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 117–118).

Trata-se de sair da representação e da identidade que partem de um modelo transcendente e universal para o de multiplicidade como produção de realidade a partir da interação intensiva entre heterogêneos. É pensar o agenciamento como produção ontológica e imanente, “unidade mínima do real”.

Partirei ao contrário, da ideia de que os agenciamentos de fluxo e de códigos são primeiros em relação às diferenciações de forma e de estrutura, de objeto e de sujeito e que os fenômenos de interação formal só constituem um caso particular, um caso limite no seio dos processos maquímicos que trabalham os agenciamentos aquém do par substância forma (GUATTARI, 1988, p.14).

As multiplicidades implicam “es” que vão ampliando as tensões do agenciamento. Poderíamos apresentar uma série de multiplicidades em agenciamento como, por exemplo, as tensões entre possível/real e virtual/atual, capturadas de Espinosa, Bergson ou Nietzsche. Multiplicidades envolvidas em um agenciamento dos estratos territoriais: formas de expressão e formas de conteúdo, de Foucault ou Hjelmslev. Ou mesmo das relações entre essas multiplicidades, destacando aspectos do diagrama e *phylum* como expressão e conteúdos virtualizados. Pode-se pensar, portanto, em agenciamentos envolvendo diferentes multiplicidades.

Nessa perspectiva, agrada-nos a ideia de que os agenciamentos podem ser observados a partir de diferentes “platôs”. Por outros termos, de acordo com o ponto de vista, o grau de complexidade das multiplicidades em suas relações heterogêneas pode variar bastante. Assim, um agenciamento pode ser, ao mesmo tempo, autônomo e parte de um agenciamento mais complexo.

No “O Anti - Édipo”, por exemplo, Deleuze e Guattari (2010) destacam este aspecto no agenciamento das máquinas: “É que, como vimos, toda máquina é máquina de máquina” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 55). Essa trama complexa de acoplamentos já pode ser percebida nos trabalhos de Deleuze sobre Espinosa e Leibniz, por exemplo.

Deleuze e Guattari (2005, p. 218), no *Mil Platôs*, simplificam o funcionamento do agenciamento na relação entre duas multiplicidades que geram uma tetravalência território/desterritorialização e conteúdo/expressão<sup>3</sup>. Aqui, no entanto, gostaríamos de destacar um “platô” de observação das multiplicidades no sentido de privilegiar a compreensão das relações entre estruturação, caotização e subjetivação poética.

Estamos chamando de estruturação e subjetivação para distinguir da noção tradicional de estrutura e sujeito. Nossa intenção é destacar o aspecto processual agenciado destas noções. Assim, a estruturação é pensada como produção de estruturas com graus de instabilidade e provisoriedade em um território. Trata-se da produção de modelos, hierarquias, distinções, dicotomias, muros, rostos etc. A Caotização é a produção de desterritorialização no território. Trata-se dos graus de abertura, instabilidade, irreversibilidade, a-significação e a-subjetivação. A subjetivação poética é a renovação expressiva, maquínica ou existencial atualizada por um “inventor” acoplado a condições favoráveis de criação.

---

<sup>3</sup> Cavalcante (2020) discute detalhadamente as relações entre território/desterritorialização e expressão/contéudo. Aqui, interessa-nos apresentar relações entre multiplicidades “implícitas” as que estão às referidas acima.

Sugerimos um platô de observação que produz um agenciamento composto pelas relações entre seis multiplicidades. Estas multiplicidades devem ser compreendidas como cofuncionantes. Para fins didáticos, daremos nomes às multiplicidades envolvidas, a saber.

- a) a) Multiplicidades da dinâmica territorial: território, desterritorialização e reterritorialização.
- b) Multiplicidades dos estratos territoriais: expressão e conteúdo.
- c) Multiplicidades dos fluxos desejantes: desejo, inconsciente e sujeito.
- d) Multiplicidades da imanência: virtual-atual e possível-real.
- e) Multiplicidades das linhas micropolíticas: molar, molecular e de fuga.
- f) Multiplicidades de desterritorialização: negativa, positiva e absoluta.

<b>Multiplicidades do Agenciamento</b>	
<b>Multiplicidade da Dinâmica Territorial:</b>	território, desterritorialização e reterritorialização
<b>Multiplicidade dos Estratos Territoriais:</b>	expressão e conteúdo
<b>Multiplicidade dos Fluxos Desejantes:</b>	desejo, inconsciente maquínico e sujeito
<b>Multiplicidades da Imanência:</b>	virtual-atual e possível-real
<b>Multiplicidade das Linhas Micropolíticas:</b>	molar, molecular e de fuga
<b>Multiplicidades de Desterritorialização:</b>	negativa, positiva e absoluta

Quadro 1 – Multiplicidades do Agenciamento. Fonte. Elaboração própria (2026).

Nessa trama, estruturação, caotização e subjetivação poética são tipos de agenciamentos produzidos a partir das condições genéticas destacadas acima. Cada tipo de agenciamento privilegia atrações e repulsões entre as multiplicidades agenciadas. A estratégia narrativa vai ser a seguinte: partiremos das multiplicidades micropolíticas (molar, molecular e de fuga) e, em seguida, destacaremos os cofuncionamentos simpáticos em dado tipo de agenciamento. Nosso propósito, portanto, não é discutir todos estes conceitos, mas somente apresentar possíveis tipos de agenciamento.

<b>Tipos de Agenciamento</b>			
<b>Multiplicidades</b>	<b>1. Agenciamento de estruturação</b>	<b>2. Agenciamento de caotização</b>	<b>3. Agenciamento de subjetivação poética</b>
<b>Micropolítica</b>	Molar	De Fuga	Molecular
<b>Dinâmica territorial e de reterritorialização</b>	Territorial e de Reterritorialização Negativa	Desterritorialização Absoluta	Reterritorialização Positiva
<b>Estratos</b>	Expressão e Conteúdo Molares	Virtualização da Expressão e do Conteúdo	Emergência de Singularidades na Expressão e no Conteúdo
<b>Imanência</b>	Possível para o Real	Virtual	Do Virtual para o Atual
<b>Fluxos desejanets</b>	Desejo, Inconsciente e Sujeito Molarizados	Multiplicação Desordenada do Desejo, Inconsciente a-Estruturado e a-Subjetivo	Ampliação Consistente dos Fluxos de Desejo, Inconsciente Molecular e Subjetivação Poética

Quadro 2 – Tipos de Agenciamento. Fonte. Elaboração própria (2026).

Tomaremos como referência, como destacamos, as multiplicidades micropolíticas que são as linhas molar, molecular e linha de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2005). Estas linhas são imanentes e indicam o modo como o território é afetado e afeta as intervenções que vêm do “fora” territorial. Sugerimos que o predomínio de cada uma dessas linhas pode indicar também a dominância de um dos tipos de agenciamentos que destacamos acima. Assim, as linhas molares seriam sintomas de agenciamentos de estruturação. As linhas de fuga seriam indícios de agenciamentos de caotização. As linhas moleculares seriam sinais de processos de subjetivação poética.

A linha molar é uma linha de conservação e funciona para manter a consistência do território. Assim, tenta controlar as aberturas das linhas de fuga, bem como os processos de singularização das linhas moleculares, a partir de ritornelos territoriais que controlam a ação do caos. Para isso, essas linhas devem produzir modos de conservação. “Os meios são abertos no caos que os ameaça de esgotamento ou de intrusão. Mas o revide dos meios ao caos é o ritmo” (DELEUZE; GUATTARI, 2005, p.119).

Neste sentido, mesmo em um estudo das linhas molares territoriais, convém estudar os modos específicos como elas produzem e se diferenciam para se conservarem. Mais uma vez: no agenciamento, a estrutura não tem o caráter fundante, universal e imutável. São formas com graus variados de diferenciação e repetição em ressonâncias com o caos e as singularidades.

Em um agenciamento de estruturação, portanto, há a dominância das linhas molares que devem cofuncionar com outras multiplicidades para produzir sua conservação. Nessa trama, há ressonâncias com: o território; a desterritorialização negativa que funciona impedindo os fluxos de diferenciação; o inconsciente molar que controla os fluxos do desejo; o fluxo que vai do possível para o real que privilegia o funcionamento de modelos estabelecidos; as formas de

expressão e de conteúdo que formalizam os significados e o funcionamento das máquinas; a produção de modos de subjetivação que gozam com a conservação da estrutura territorial e com a expulsão da diferença. Trata-se da produção de existências sedentárias que trabalham para a conservação do território.

Vamos agora para o agenciamento de caotização sob a referência da linha de fuga. A linha de fuga é a linha lisa dos processos de saída das estrias do território. Trata-se de um movimento a-significante e a-subjetivo, ou seja, a fuga é dos protocolos que criam expectativas e significados e das sujeições. Não se trata, portanto, de covardia, mas de traição em relação aos modelos dominantes. É nesse sentido que é uma linha nômade, posto que não se estabiliza em formas de expressão ou de conteúdo. É nesta trama que o território se abre ao caos, renovando os campos de possibilidades e virtualidades.

No agenciamento de caotização, a linha de fuga está em correlações simpáticas com: a desterritorialização absoluta que abre o território para a ação do caos; com a multiplicidade virtual que desliza por entre as estrias semióticas (processos a-significantes), os muros, os organismos (produção de corpo sem órgãos) e as sujeições (processos a-subjetivos).

É nesse sentido que a linha de fuga é uma multiplicidade lisa em contraposição à estriada da linha molar. Fugir é escapular por entre as estrias das estruturas dominantes. Temos aqui o privilégio do campo virtual. O caos opera em outras velocidades e lentidões, não sendo capturado pelos modelos de reconhecimento. Estamos no indizível, impensável, inaudível do agenciamento.

Nessa trama, o fluxo do desejo é predominante, ou seja, multiplicações de conexões desordenadas e inconsistentes. Fluxos desejantes caóticos em processos de diferenciação ininterruptos. Nessa trama, a-significante e a-subjetiva, o inconsciente maquínico e o sujeito estão sem qualquer consistência, logo, emergem processos de esquizos de existência, nômades, sem referência ou mesmo expressão, “devir-louco”. Aqui temos o eclipsar das estruturações e das subjetivações e a predominância do caos.

O terceiro agenciamento é o dos processos de subjetivação poética. Como destacamos, tomaremos como referência as linhas molares e suas ressonâncias. Se as linhas molares são estriadas e as de fuga são lisas, as moleculares são flexíveis. Elas se encontram entre as dicotomias geradas pelos modelos representativos das linhas molares e da inconsistência virtual da linha de fuga. Expressam a passagem do desejo a partir de bricolagens entre signos a-significantes e peças desmaterializadas capturadas do caos ou presas na estruturação molar. O que está em jogo é a captura de funções puras para a produção de

cofuncionamentos emergentes. Não se trata, portanto, de fazer cópia a partir de um modelo representativo, mas de produção ontológica a partir de torções de diagramas e *phyluns*, ou seja, de expressões e matérias virtualizadas.

Em um agenciamento de subjetivação poética, apresentam-se condições para processos de produção diferencial das “peças-sujeitos” em agenciamento. Nestas condições de agenciamento, os sujeitos dispõem de graus mais relevantes de produção singular, assim como nos outros agenciamentos citados, haveria a prevalência da estruturação e de caotização. Para compreender esse processo, convém destacar, mesmo que brevemente, as relações entre desejo, inconsciente e sujeito que Deleuze e Guattari desenvolvem, sobretudo, no *O Anti-Édipo*. Agrada-nos a ideia de que esses termos podem ser pensados como uma multiplicidade do fluxo de continuidade do desejo.

Para Deleuze e Guattari (2010), o sujeito não goza de centralidade, essência ou tem poder de determinação causal. É nesse sentido que o sujeito deve ser pensado como agenciado. Para os autores, o que se chama de sujeito é uma peça adjacente que funciona a partir do consumo da energia produzida na relação entre desejo e inconsciente maquínico, a libido (desejo), o numem (estrutura) e o voluptas (gozo):

[...] sujeito, produzido como resíduo ao lado da máquina, apêndice ou peça adjacente à máquina, passa por todos os estados do círculo e de um círculo ao outro. O próprio sujeito não está no centro, ocupado pela máquina, mas na borda, sem identidade fixa, sempre descentrado, constituído dos estados pelos quais passa (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 35).

Nessa trama, há uma multiplicidade dos fluxos que envolve o cofuncionamento entre desejo, inconsciente e sujeito. Segundo Deleuze e Guattari (2011), o desejo é uma força de produção ontológica, ou seja, de ampliação de conexões maquínicas, semióticas e existenciais. O inconsciente é a máquina que corta, acopla, registra e produz energia consumida pelo sujeito como uma peça adjacente da máquina. Nessa trama, o sujeito, a partir da energia capturada da máquina, pode produzir fluxos que agem na conservação, dispersão ou singularização do inconsciente maquínico. Há, portanto, continuidade e possíveis retroafecções entre desejo, inconsciente e o sujeito.

Apresentadas a multiplicidade produzida entre desejo, inconsciente e sujeito, voltaremos, portanto, às ressonâncias entre as linhas moleculares e as outras multiplicidades em agenciamento de subjetivação, a saber.

No agenciamento de subjetivação poética teríamos um cofuncionamento entre as linhas moleculares com: reterritorialização positiva na medida em que produz singularidades nas

relações com o caos e a estrutura. Trata-se, portanto, de um fluxo que vai do virtual para o atual, renovando o território. Os fluxos do desejo são parcialmente abertos de modo que o inconsciente molecular consiga estabilizar acoplamentos, registros e consumos singulares e emergentes. São máquinas monstruosas e linguagens gaguejantes em relação aos modelos da estruturação dominante.

Neste agenciamento, o desejo, o inconsciente e o sujeito não estão estriados como nos agenciamentos de estruturação ou em “devir-louco” como nos caotizados. Há uma consistência mínima, flexível e provisória que possibilita um movimento de retroafecções entre desejo, inconsciente e sujeito, gerando acoplamentos, signos expressivos e modos de existência poéticos.

São, portanto, processos de subjetivação poéticos que se distinguem da sujeição sedentária molar ou de processo de a-subjetivação nômade em linha de fuga. Aqui, como destacamos, estamos em um fluxo que vai do virtual para a atualização, ou seja, dos diagramas e phyluns como funções e materialidades puras e flexíveis (virtuais) para signos expressivos e máquinas monstruosas que produzem ontologias emergentes. Trata-se aí da emergência de inconscientes moleculares.

Ora, são nos devires que os sujeitos são contaminados, perpassados, por essas funções e matérias puras e produzem com elas uma linguagem gaguejante ou estrangeira, inventam perceptos e afectos<sup>4</sup>, tornam pensáveis, audíveis, dizíveis forças que até então eram impensáveis. É todo um agenciamento que possibilita a produção de processos de subjetivações inventivas. Mesmo nestes agenciamentos, não é uma questão de escolha consciente do sujeito, mas antes o agenciamento que cria as condições para a poetização da existência. O sujeito é uma peça de um agenciamento emergente.

Por outros termos, o sujeito, ainda que em subjetivação poética, é produto da máquina. É produto de um inconsciente molecular que funciona ampliando seus fluxos desejanter, produzindo acoplamentos e semióticas emergentes. Assim, para que esse agenciamento funcione, é preciso modos de existências poéticos, ou seja, sujeitos com a *libido* intensificada capaz de “enrubar” novas peças, gestar signos (*Numem*) que expressem seu funcionamento e, sobretudo, que goze (*Voluptas*) com o experimento poético. Produção de modos de existir singulares.

---

<sup>4</sup> Em Cavalcante (2022;2024;2025) os conceitos de blocos de sensações são apresentados de forma detalhada. Para a compreensão dos *perceptos* e *afectos* recomendados a leitura dos textos.

É importante, portanto, distinguir modos de funcionamento da peça-sujeito, ou seja, de uma peça-sujeitada que funciona representativamente ou de um sujeito-intensivo que produz diferenciações no agenciamento. Ambos são produtos do agenciamento, no entanto, o primeiro produz a reprodução das estruturas inconscientes molares que cerceiam o desejo, enquanto o segundo cria com um inconsciente molecular que se aproveita da libertação do desejo. Trata-se, portanto, das condições do agenciamento que produzem o sujeito que, por sua vez, também age sobre o agenciamento de acordo com o modo agenciado, pois “[...] a própria máquina é produzida por sua produção” (GUATTARI, 1988, p. 29).

Nesse sentido, são ilustrativas as distinções que Deleuze e Guattari (2014) fazem das condições de uma literatura menor e maior e seus cofuncionamentos com o escritor como “peça intensiva” da literatura menor e o autor como peça reprodutora da literatura maior. O autor está no escopo da representação, do poder, da conservação ou mesmo de um individualismo, onde as problemáticas políticas e coletivas surgem como pano de fundo. Predomina uma desterritorialização negativa ou relativa passional.

Uma literatura maior ou estabelecida segue um vector, que vai do conteúdo à expressão. Um conteúdo, ao ser apresentado numa forma dada, é necessário encontrar, descobrir ou ver a forma de expressão que lhe convém. O que é bem concebido enuncia-se. Mas a literatura menor ou revolucionária começa por enunciar, não vê, e só concebe depois com a ordem das coisas. Preparar, preceder a matéria (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 57-58).

O escritor faz parte de um processo de desterritorialização absoluta e reterritorialização positiva que faz passar devires que são políticos e coletivos. É um clínico ou um visionário que é capaz de “ver” algo grandioso, uma violência que o força a pensar. O corpo do literato ou do escritor pode ser afetado, tocado pelo caos, diferenciando-se e produzindo novas sensibilidades. Uma nova saúde, realidade, um povo que estava faltando (virtual) e que agora se atualiza na literatura.

A literatura menor, portanto, é da ordem da produção ontológica da vida. É preciso, mais uma vez, distinguir o escritor como acoplado a um agenciamento coletivo (um nome próprio) do sujeito autodeterminado do humanismo. O literato é, ao mesmo tempo, produto e produtor de agenciamentos. “O escritor inventa agenciamentos a partir de agenciamentos que o inventaram, ele faz passar uma multiplicidade para a outra” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 23).

#### **4. CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS: AGENCIAMENTO, PRUDÊNCIA, ÉTICA E COMPLEXIDADE**

Neste trabalho, procuramos contribuir para a compreensão de como, no escopo do pós-estruturalismo e da filosofia da diferença, as noções de estrutura e sujeito são subvertidas. Perdem seu caráter universal, central e determinante para se tornarem parte de agenciamentos. Nessa trama, eles ganham um “colega” que é fundamental para a filosofia da diferença: o caos. As relações entre estrutura, sujeito e caos mantêm aberto o agenciamento para as diversificações sistemáticas. Em um agenciamento, é a própria multiplicidade entre termos heterogêneos que marca a gênese ontológica.

Em seus últimos textos, Deleuze e Guattari (2005) apresentam a tetralvência dos agenciamentos: território / desterritorialização e expressão e conteúdo. Nessa trama, no entanto, há uma série de conceitos implícitos para compreender o conceito de agenciamento. Propomos tornar explícitos estes aspectos de modo a compreender a reconfiguração dos conceitos de estrutura e sujeito no escopo do agenciamento. Para isso, destacamos três modos extremos de agenciamento com a intenção de enfatizar o caráter agenciado-agenciador da estrutura, do sujeito e do caos. Chamamos estes agenciamentos de estruturação, caotização e de subjetivação poética.

No entanto, é preciso não cair em um certo “moralismo das linhas”, ou seja, um certo festejo pela “diferença” e um combate às “estruturas”. Todas as linhas têm seu perigo. No Brasil, por exemplo, podemos gozar como um burocrata, ou seja, com as leis, quando um racista é preso, enquadrado na lei antirracismo. Os agenciamentos devem ser avaliados eticamente em seus contextos. Da mesma forma, uma mulher pode parasitar a máquina feminista para assediar colegas, taxando-os de machistas caso não cedam aos seus assédios.

Tornando ainda mais complexa a questão, Cavalcante (2025) sugere acoplar as questões da esquizoanálise com as da semiótica. Nessa trama, é preciso atenção para as diferentes dimensões normativas e semióticas que podem ser, ao mesmo tempo, conservadoras “e” revolucionárias “e” boas “e” ruins. Podemos, por exemplo, ter a produção de legi-signos icônicos moleculares, ou seja, formas emergentes de expressões que, por sua vez, são incitadas por éticas reacionárias como, por exemplo, as inovações expressivas nas redes sociais para produzir misoginia.

Nesse sentido, esses modos extremos de agenciamento (estruturação, caotizante e de subjetivação) devem ser entendidos como pontos de referência. Na prática, eles coexistem em graus diferentes e em constantes movimentos de estruturação, abertura e singularização do agenciamento. Cabe a uma ciência psíquica ou da subjetivação, como a psicologia, utilizar esses

conceitos em máquinas bem delimitadas para analisar eticamente o funcionamento dos agenciamentos.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Diego Frank Marques. “O procedimento de criação: imanência e produção da diferença em Gilles Deleuze e Félix Guattari”. **Revista Trágica: filosofia da imanência**, v. 13, n. 3 (2020), p. 81-107.

CAVALCANTE, Diego Frank Marques. “Pensar com a arte: por uma estética da sensação em Deleuze e Guattari”. **Prometheus: Filosofia em Revista**, v. 40 (2022), p. 97-117.

CAVALCANTE, Diego Frank Marques. “Por uma estética imanente em Deleuze e Guattari: Hermeto Pascoal e os blocos de sensações em Música da Lagoa”. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, v. 18, n° 35 (jul-dez/2024), p. 130 150.

CAVALCANTE, Diego Frank Marques. **Esquizossemiótica e psicologia da diferença: acordos discordantes entre Peirce e Deleuze & Guattari**. Por uma cartografia das invenções artísticas. Curitiba: CRV, 2025.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo. Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução de Luís B. Orlandi. Editora 34, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo. Graal, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Péter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia, v. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo**. Capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka**. Por uma literatura menor. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, Gilles; PARTNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de José. Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'água, 1996.

GUATTARI, Félix. **O inconsciente maquínico: ensaios de esquizoanálise**. Tradução de Constança Marcondes César e Lucy Moreira César. Campinas: Papirus, 1988

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. Tradução De Luiz Orlandi. São Paulo, N-1, 2015.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro. Zaar, 2009.

WILLIAMS, James. **Gilles Deleuze's Logic of Sense: A Critical Introduction and Guide**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.

WILLIAMS, James. **Pós-Estruturalismo**. Tradução de Caio Liudvik. Petrópolis. Vozes, 2013.